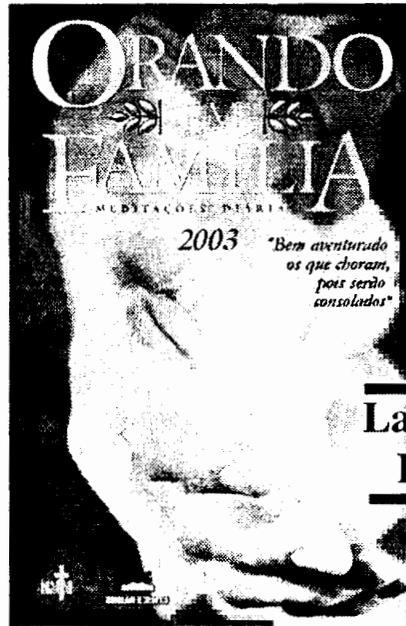


**Que preciosos são os momentos que
passamos na presença de Deus,
nosso Senhor.**



**Lançamento
R\$ 12,90**

Orando em Família, o devocional que é diferente.

Você pode fazer o seu pedido pelo e-mail:
editorial@uniaocrista.com.br

e concorrer no mês de dezembro a um super brinde da Editora União Cristã. Para concorrer, basta adquirir 1 exemplar de *Orando em Família* e escrever: "Eu vi o anúncio na VOX".

Promoção válida apenas para pedidos enviados via e-mail.

HISTÓRIA E INTERPRETAÇÃO EM AGEU 2:20-23 2ª PARTE

Carlos Osvaldo Pinto *

O PAPEL CONTEXTUAL DE AGEU 2:20-23

A primeira parte deste artigo procurou demonstrar que Ageu absolutamente não dependeu de circunstâncias históricas como base de seu oráculo sobre Zorobabel. Uma análise desapaixonada das evidências históricas indica que quase um ano inteiro se passara entre a intervenção militar decisiva (embora não última) de Dario e o pronunciamento desta profecia. Na melhor das hipóteses, poder-se-ia postular que o período crítico de um ano e meio entre julho de 522 a.C. e janeiro de 520 a.C. tinha oferecido aos judeus uma pálida ilustração do cataclisma universal que Yahweh traria ao estabelecer Seu dia de glória e grandeza para Israel.

A avaliação de Ackroyd sobre o relacionamento entre os profetas pós-exílicos de Israel e o cenário político do século VI a.C., no que diz respeito a Pérsia e a Judá, é correta. Ele diz que embora esteja errado quem sentimentaliza o intenso patriotismo dos profetas do Antigo Testamento e os reduz a pietistas piegas e pusilânimes, está igualmente errado quem interpreta suas atividades em nível puramente político.¹

Antes de emprendermos uma análise mais detalhada de Ageu 2:20-23 é necessário examinar o livro como um todo.

UM ARGUMENTO CONCISO DE AGEU

O livro de Ageu surge em meio à história preservada no livro de Esdras. Depois que o entusiasmo pelo retorno de Babilônia e pela nova colonização

* Carlos Osvaldo Pinto (Th.M., Ph.D. cand.), é professor de exegese e teologia e reitor do Seminário Bíblico Palavra da Vida, Atibaia, SP.

¹ P. R. ACKROYD. "Interpretation of the Exile and Restoration." *CJT* (1968) 14:3-12.

de Judá tinha desaparecido, o povo judeu caíra num ciclo de desânimo devido à oposição, de negligência espiritual e de pobreza material que se arrastou por cerca de quinze anos.

A despeito de seu recomeço auspicioso — a reconstrução do altar e a colocação dos alicerces do templo —, os judeus abandonaram sua obra por causa da oposição coordenada de oficiais persas e samaritanos. A aparente falta de familiaridade (e de uma necessidade sentida) da geração nascida em Babilônia com o templo, associada à tendência bem humana de colocar o conforto material adiante do compromisso espiritual, combinou-se com as pressões externas para fazer com que o trabalho parasse.

As circunstâncias históricas imediatas já foram discutidas na primeira parte deste artigo e não precisam ser repetidas aqui. Basta dizer que não havia dúvida de que os judeus continuavam debaixo do controle persa e que suas esperanças messiânicas, por mais que tenham sido despertadas pela revolta generalizada no império, tinham sido recolocadas em perspectiva apropriada. Na verdade, Ageu pode ter composto seu livro para corrigir falsas esperanças de um messianismo feito pelo homem, deixando claro para Judá que somente o SENHOR poderia trazer a concretização de suas esperanças.

Ageu abre sua profecia com uma data que indica que Israel ainda está sob domínio gentílico. O primeiro dia de Elul oferecia ao profeta uma audiência, por tratar-se de um festival religioso, mas a mensagem era dirigida primariamente aos dois líderes da nação restaurada — Zorobabel, o governador, e Josué, o sumo-sacerdote. Ambos eram diretamente ligados aos líderes pré-exílicos, tanto o político (Joaquim) quanto o religioso (Jeozadaque), sendo assim, responsáveis pelo atual estado de coisas em Judá.

Os judeus estavam sendo repreendidos por suas prioridades distorcidas (1:3-6), à medida que buscavam ansiosamente o conforto material e procrastinavam *ad nauseam* seu compromisso espiritual. Tal indiferença à casa de Deus, que era o centro da vida nacional, associada ao consumismo da construção de casas não apenas seguras, mas luxuosas, trouxera à nação os males sociais da fome, da pobreza e da inflação — conseqüências essas previstas na legislação deuteronomica como maldições pela violação da lealdade nacional para com o Deus da aliança.

O remédio de Deus começa com uma auto-avaliação cuidadosa (cf. a frase-chave “Aplicai o vosso coração aos vossos caminhos”, 1:5, 7). A nação precisava evitar sua falta de compromisso com sua primeira prioridade e envolver-se com a tarefa de promover a glória de Deus reconstruindo o Templo (1:7). A questão fundamental é de quem era a glória que a nação estava buscando.

Os versículos 9-11 oferecem aos ouvintes/leitores um referencial factual pelo qual processar o oráculo. Judá ainda estava sob os princípios de bênção e maldição da aliança mosaica. Sua negligência espiritual trouxera o completo colapso de seu sistema econômico; quanto mais eles retinham para si e negavam ao SENHOR, por causa das condições desfavoráveis, tanto mais perdiam em sua economia agro-pastoril. Era uma situação sem saída, que só poderia ser revertida por um compromisso renovado com o SENHOR. Esses versículos certamente lembrariam aos judeus os dias críticos no tempo de Elias e Acabe (cf. a ausência do orvalho [v. 10] e a seca [v. 11]), demonstrando assim quão sério era o seu pecado de negligência.

Os versículos 12-14 contêm a reação do povo à primeira mensagem de Ageu. A começar pelos líderes, toda a nação reagiu positivamente ao desafio profético e ao encorajamento divino (v. 13). O versículo 14 apresenta a causa dessa reação positiva: o SENHOR moveu (lit. “agitou, despertou”) o espírito dos líderes e do povo por meio das palavras de Ageu. Que o povo passou da emoção à ação é fortemente sugerido pela expressão $\text{הָעַם הַיְהוּדִי שָׁרְדָה}$ (“remanescente do povo”). Em marcante contraste com 1:2, onde são chamados de הַעַם הַזֶּה (“este povo”)², a capacitação divina para responder aos apelos do próprio Deus os faz recipientes do honrado título de “remanescente,” aquele grupo de pessoas especialmente caro ao coração de Deus. A esse povo renovado em sua disposição Yahweh poderia declarar sua presença factual, “Eu sou convosco ...” (v. 13).

A obra no templo foi retomada no dia 24 de *ab*, 21 de setembro de 520 a.C., três semanas depois da primeira mensagem. O intervalo pode ter-se devido à colheita de figos e uvas, que acontecia no mês de *elul*.

A segunda mensagem foi entregue ao povo no último dia da Festa dos Tabernáculos, supostamente uma ocasião alegre, mas naquele ano um tempo particularmente desanimador por causa das más colheitas e da crise econômica. Enquanto que a primeira mensagem visava sacudir o povo de sua letargia espiritual, a segunda procurava protegê-lo do desânimo que certamente viria quando comesçassem a medir as realidades do presente pelas lembranças do passado. A situação inadimplente de Judá no final do século VI a.C. jamais permitiria a construção de um templo de magnitude igual a daquele que o Israel imperial e opulento do século X a.C. havia construído.

Era fundamental que o povo reconhecesse que o aspecto verdadeira-

² Essa expressão tem quase sempre um tom depreciativo na literatura profética. Cf. por exemplo, Is 28:11 e Mq 2:11, dentre as 30 ocorrências da frase nos profetas.

mente importante do templo não era a sua riqueza, mas a presença de Deus por meio de Seu Espírito (2:4-5). Era dessa presença que deveriam derivar a força (cf. a exortação tríplice, “Sêde fortes!”) necessária para a tarefa à sua frente.

Duas garantias foram oferecidas aos construtores. A presença de Deus permaneceria com eles conforme pactuado (2:5; cf. Ex 19:4-6; Is 61:11-13), e não lhes faltariam recursos para levar o trabalho até o fim. Creio que a famosa expressão כָּל-הַגּוֹיִם רְצוּ “o desejo de todas as nações” (2:7) encontrou uma ilustração a curto prazo durante a geração de Ageu, e aguarda cumprimento futuro, quando o templo milenar for estabelecido e para ele convergir a riqueza das nações.

A ilustração contemporânea viria um ano depois, em 519 a.C., quando Dario, a caminho de uma expedição militar contra o Egito, reexaminou o status de Jerusalém e descobriu o decreto de Ciro que, além de permitir a reconstrução do templo, fazia provisão para seus custos no orçamento imperial (cf. Ed 6:4, 8-10).³ Essa política voltou a ser empregada e permitiu a conclusão da obra em apenas quatro anos.

A promessa gloriosa de 2:9 aponta para a continuidade essencial entre os templos. O templo pós-exílico (“esta casa”) partilharia a glória e a paz do templo milenar, a ser estabelecido depois da iminente (cf. “ainda um pouco mais,” 2:6) convulsão escatológica desencadeada por Yahweh (2:6-7). Mesmo fazendo ampla provisão para hipérbole profética, essa intervenção titânica jamais poderia ser confinada às débeis rebeliões no início do reinado de Dario.

Israel foi ensinado, então, a valorizar seu templo não pela aparência exterior, mas por aquilo que o templo significava no eterno plano divino de substituir os reinos rebeldes do homem por Seu próprio reino glorioso e pacífico. No templo, Ele daria a paz, que ali se apresentou encarnada em Jesus Cristo.

A terceira mensagem trouxe uma ilustração dos efeitos devastadores da negligência espiritual de Judá e também das perspectivas brilhantes da obediência nacional. Além disso, a lição objetiva dada por Ageu demonstrou que rituais não podem substituir a retidão no relacionamento com Deus.

A primeira parte dessa divisão aponta para a natureza contagiosa do pecado quando contrastada com a natureza não contagiosa da retidão (2:11-

14). Os atos rituais de Judá não poderiam santificar seu distorcido sistema de valores espirituais; pelo contrário, este último tornava aqueles inaceitáveis diante de Deus.

A segunda parte dessa divisão encoraja o povo declarando que os frustrantes esforços agrícolas dos últimos anos dariam lugar a colheitas abundantes. Uma vez mais a frase-chave, “Aplicai o vosso coração a vossos caminhos,” aparece no texto (2:15) e Judá recebe a promessa de que os meios de juízo de Deus (“queimaduras, ferrugem e saraiva”, 2:17) seriam removidos à luz do arrependimento e da obediência do povo, e que a próxima colheita seria notável pela sua fartura em todos os produtos do campo.

A profecia final deste breve livro foi trazida ao povo no mesmo dia em que a terceira, mas foi destinada a um indivíduo em especial, Zorobabel, o governador designado de Judá. Zorobabel é encorajado não por promessas específicas de poder político para si, mas para a linhagem que ele representava.

Ageu deixa isso claro ao chamá-lo de *servo* (2:23), uma reminiscência de passagens messiânicas de Isaías e Jeremias, e *anel de selar* (2:23), uma clara alusão à profecia feita por Jeremias contra Joaquim (ou Jeconias), avô de Zorobabel (cf. Jr 22:24). A abordagem escatológica de Ageu focaliza Zorobabel como um elo davídico na cadeia messiânica, e um elo particularmente significativo por causa de sua atividade como reconstrutor do templo.⁴

A tarefa de Zorobabel seria moldar Israel para que se tornasse uma comunidade de adoradores, centrada no templo, até que o SENHOR dos Exércitos interviesse na história para estabelecer o Seu próprio reino.

Assim, a mensagem do livro de Ageu pode ser resumida na seguinte frase:

A reconstrução do templo reflete *arrependimento* pela indiferença quanto à reputação de Deus e *fé* no derramamento final das bênçãos pactuais prometidas a Israel.

As observações de Ackroyd quanto ao propósito do livro confirmam a mensagem proposta acima. Ele diz:

Nesta brevíssima coletânea de pronunciamentos proféticos, estruturada como um todo unificado, temos um quadro de uma comunidade res-

³ OLMSTEAD. *History of the Persian Empire*. pp. 141s. oferece uma interpretação radicalmente diferente desta passagem da história judaica.

⁴ Essa atividade de Davi recebe uma ênfase notável na obra do Cronista, que dedica mais texto em Crônicas aos preparativos para a construção do primeiro templo do que à construção em si!

taurada, centrada no Templo e necessitada de reconhecer-se como o povo de Deus. É um povo que precisa ser purificado se quiser apropriar-se das bênçãos divinas a que sua posição dá direito, posição esta que não é limitada ou provinciana, pois em seu centro se acha o Templo, o local onde Deus Se revela, um centro portanto para toda a vida do mundo e para a ação global de Deus.⁵

Assim, com duas mensagens voltadas ao arrependimento à luz das ameaças factuais cumpridas na história recente do povo, e duas mensagens que visavam a restauração da fé nas promessas factuais de bênção e restauração, Ageu é um livro muito estratégico. Oferece continuidade com as antigas exigências e promessas factuais que o exílio não havia obliterado. Ao confrontar Israel com Suas exigências para conceder bênção, Deus não negligenciara o lado brilhante de Suas alianças, a promessa de bênção escatológica, contida em Deuteronomio 28, em 2 Samuel 7 e em várias passagens proféticas pré-exílicas.

A MENSAGEM DE AGEU 2:20-23 E UM EXAME DE SEUS DETALHES

Qualquer tentativa de definir a mensagem de um trecho das Escrituras deveria levar em consideração o todo da revelação divina. Admissivelmente, isso não é tarefa fácil, como se pode ver pela enorme variedade de abordagens à teologia bíblica, particularmente no Antigo Testamento.

Este artigo não tem a pretensão de estabelecer ou postular um novo modelo integrativo, propondo apenas a consideração do que parece ser ao autor as quatro linhas mestras de ação de Deus na história. Essas quatro linhas são as seguintes: (1) a permissão do mal; (2) o julgamento do mal; (3) a libertação desse julgamento para os eleitos e pelos eleitos; (4) a bênção dos eleitos.⁶

Trabalhando com esse modelo amplo, ou como um ciclo histórico fle-

⁵ Peter R. ACKROYD. *Exile and Restoration*. p. 170.

⁶ Essas quatro linhas mestras da ação de Deus podem ser ajustadas a quase todos os propostos "centros" de teologia bíblica do Antigo Testamento. Isso, todavia, não constitui um problema; prestam-se melhor, é verdade, para uma abordagem que centralize a "restauração da soberania mediada de Deus para Sua glória e bem-estar de Seus eleitos". Elas têm a vantagem de evitar a ginástica textual, hermenêutica e teológica exigida pela maioria das abordagens estritamente monotemáticas à teologia bíblica do Antigo Testamento.

xível, é possível formular uma tese que abranja, ainda que a título provisório, o todo da revelação bíblica:

As intervenções de Deus na história têm como propósito assegurar definitivamente a bênção divina aos Seus eleitos na medida em que Ele provê livramento dos vários julgamentos que traz contra o mal que soberanamente permitiu.

Ageu 2:20-23 se encaixa nessa tese ao enfatizar o ato final (?) de juízo de Deus contra o poder humano. A linha mestra da bênção aparece nessa profecia, ainda que veladamente, na restauração de um descendente de Davi ao lugar de honra no plano de Deus. A natureza de tal bênção não é especificada, e mais provavelmente se relaciona com a aliança davídica, em cuja linhagem de cumprimento Zorobabel legalmente se encontrava, a despeito da maldição lançada sobre seu avô (Jr 22:24-30).

O último oráculo de Ageu garante que o derramamento definitivo das bênçãos factuais prometidas virá *por causa da* intervenção direta de Deus, e *por meio de* Sua semente escolhida, cujo capítulo final na história ainda não foi escrito.

Este artigo já defendeu o ponto de vista de que essa passagem não foi o produto de ingênuas esperanças nacionalistas de restauração surgidas do conturbado ambiente político do início do reinado de Dario. Esta divisão demonstrará que além da história, também a exegese proíbe uma interpretação imediatista de Ageu 2:20-23.

O CONCEITO DE REFORMA EM AGEU

A principal preocupação do livro é com reforma. O tom exortativo está presente em todos os três oráculos anteriores, com o objetivo de produzir reforma espiritual, com o objetivo de trazer de modo definitivo a bênção factual. Assim sendo, o livro de Ageu olha tanto para trás quanto para diante. A aliança deuteronomica é tacitamente aceita como ainda válida, uma vez que as maldições contidas em Ageu são basicamente as mesmas que as de Deuteronomio 28 (cf. Dt 28:22 ["O SENHOR te ferirá com a tísica, e a febre, e a inflamação, e com o calor ardente, e a secura, e com o crestamento, e a ferrugem; e isto te perseguirá até que pereças."]) e Ag 2:17 ["Eu vos feri com queimaduras, e com ferrugem, e com saraiva, em toda a obra das vossas mãos; e não houve, entre vós, quem voltasse para mim, diz o SENHOR."]); ver

igualmente Deuteronômio 28:23-24 e Ageu 1:10-11 [estiagem e seca], e Deuteronômio 28:38-40 e Ageu 1:9; 2:16 [falência da agricultura].

Também se faz alusão à aliança mosaica na promessa da presença de Deus entre o povo (2:5). Essa promessa contempla o êxodo do Egito, quando promessa semelhante foi feita a Israel (cf. Ex 19:4-6), mas também Deuteronômio 30:1-10, onde Israel recebe a promessa do retorno e da bênção de Yahweh se e quando a nação O buscasse de todo coração e de toda alma. É claro que Ageu 2:10-19 fala a uma nação de coração dividido que tentava sair do atoleiro da história puxando-se a si mesma pelos sapatos com os cordões do trabalho pesado e de uma religião “light”. Assim, quando Hammershaimb diz que

A nova característica do pensamento de Ageu, que o separa decisivamente dos antigos profetas de juízo, é que sua firme convicção sobre a vinda do Messias depende apenas da reconstrução do templo. Todas as considerações éticas estão ausentes, de modo que Ageu, na verdade, não é um profeta de juízo, mas se situa, em princípio, mais próximo dos profetas da felicidade, a quem os antigos profetas de juízo negavam reconhecer como verdadeiros profetas de Yahweh (...)⁷

ele está deliberadamente ignorando o “óbvio implícito”. Mesmo que a nação tivesse retornado à sua terra [apenas uma pequena minoria], mesmo que uma religião aparente tivesse sido estabelecida, não havia indicações claras que um verdadeiro retorno a Yahweh tivesse acontecido. Eles são sarcasticamente descritos como “este povo” (1:2) em vez de “Meu povo”, o termo de ternura de Deus para com Israel. Mesmo depois do povo retomar o trabalho no templo, Ageu ainda denuncia seus males espirituais (2:13-14). A nação estava impura e inapta para o cumprimento da promessa divina da gloriosa presença de Deus entre eles (2:4). O templo se torna um teste do verdadeiro estado espiritual da nação. Sua insinceridade para com Deus e Sua aliança precisava ser extirpada e a reconstrução do templo lhes servia como teste. Infelizmente, percebe-se que mesmo ela não conseguiu produzir os resultados desejados, pois Zacarias descobre os judeus ainda necessitados da mesma exortação anos depois (cf. Zc 7:11-14 e a pungente passagem de Zc 11:1-17).

Não é difícil perceber que esse mesmo fator de rejeição se estende a

Malaquias, e se derrama nas páginas do Novo Testamento, trazendo assim a presente dispersão de Israel, ainda impenitente, ainda privado da glória de Yahweh. Assim, a reforma desejada e pregada por Ageu não atingiu seu pleno potencial, embora ele tivesse sido bem sucedido em motivar o povo a reconstruir o templo. Dessa perspectiva de “fracasso”, a reforma e as bênçãos dela obtidas dependeriam somente da graça de Yahweh, conforme manifesta nas duas alianças incondicionais, a abraâmica e a davídica, às quais Ageu também faz alusão.

Nesse sentido, Ageu, o profeta pós-exílico, se ajusta a um padrão encontrado antes em Jeremias e Ezequiel, que exortaram a nação ao arrependimento e a uma lealdade renovada a Yahweh com base na aliança mosaica, mas ofereceram esperança não na Velha, mas na Nova Aliança, para a qual convergem tanto a aliança abraâmica quanto a davídica.

Assim, pode-se dizer que a reforma pregada por Ageu, e exemplificada pela reconstrução do templo, foi uma condição necessária, mas insuficiente para produzir a plenitude das bênçãos esperadas pela nação. Embora a geração de Ageu fosse responsável por obediência como condição *sine qua non* para a bênção, o elemento de contingência no “dia” em que tais bênçãos se materializariam levou seu cumprimento para além do século VI a.C. As palavras de Ageu foram verdadeiramente relevantes para sua geração, mas não carregavam consigo uma obrigação de cumprimento contemporâneo.

LINGUAGEM ESCATOLÓGICA EM AGEU 2

Quando se lida com o livro de Ageu, a questão da linguagem escatológica não pode ser negligenciada, mas muitos comentaristas simplesmente a ignoram, principalmente porque seus esforços no sentido de tornar Ageu historicamente relevante acabam por encobrir sua ênfase preditiva.

Para melhor apreciar a importância da linguagem escatológica em 2:20-23 é necessário entender este oráculo em relação a 2:6-9, pois os dois textos compartilham vários elementos.

Em ambos os oráculos, é Deus quem inicia a futura convulsão, independente de qual seja a natureza desta. Em ambos os oráculos “os céus e a terra” serão afetados. Ainda em ambos as nações serão reduzidas à impotência perante Deus. Isso pode levar o intérprete a concluir que os dois oráculos serão coetâneos em seu cumprimento.

As diferenças de vocabulário entre os dois oráculos também são reveladoras: enquanto 2:6-9 diz: “Dentro de pouco tempo” (NVI), 2:20-23

⁷ E. HAMMERSHAIMB. *Some Aspects of Old Testament Prophecy from Isaiah to Malachi*. p. 105.

contém “Naquele dia”. A primeira expressão, freqüentemente interpretada como sinal de cumprimento imediato,⁸ deveria ser tomada como indicação de seu cumprimento epifânico (גִּלְעָה) e de sua natureza iminente (נִרְמָה וְעֵלְמָה), voltando os olhos para os notáveis acontecimentos do Êxodo — um *motif* ao qual o autor já fizera alusão —, e apresentando a possibilidade de intervenção divina na História, desde que fosse satisfeita a condição, *necessária mas não suficiente*, de compromisso nacional de obediência à tarefa de reconstrução.

A segunda expressão é associada, em todos os profetas, com o “Dia do SENHOR”, embora ocasionalmente ocorra por si só em contextos de juízo (Cf. Jr 46:10). Não há razão para que tal associação seja desprezada aqui. Dessa forma, Ageu estaria baseando seus oráculos e seu cumprimento na tradição histórica da intervenção dramática de Yahweh em favor de Seu povo, bem como na tradição escatológica de profetas anteriores. Esse oráculo, enraizado no passado e orientado para o futuro, é visto como um evento ainda a ocorrer pelo autor de Hebreus (12:27-28).

Essa conexão temática entre os oráculos, e a concepção neotestamentária de um deles como um evento escatológico, deveria fazer com que o intérprete considerasse seriamente a totalidade de 2:20-23 como futuro, em vez de atribuir um erro a Ageu,⁹ ou postular uma transferência de cumprimento “via seus (de Zorobabel) descendentes, até serem cumpridos centralmente na primeira vinda de Cristo e cumpridos finalmente na Sua segunda vinda.”¹⁰

Outro traço escatológico desses dois oráculos é o uso da palavra hebraica וָרָעָה. O sentido básico dessa raiz é “tremar, sacudir, agitar-se, trepidar”, e tal uso se verifica em relação a terremotos (Zc 14:5) e ao sacudir de muros (Ez 26:10).¹¹ É usado em relação a pessoas e também de modo impessoal. Nesse último caso, tem muitas vezes um sentido metafórico (ou hiperbólico), indicando o poder e a majestade daquele que provoca a agitação (cf. Jl 3:16).

Em seu uso pessoal (ou personificado), o verbo significa “tremar de medo”, e se relaciona com a típica reação de impotência dos inimigos de Deus quando Ele irrompe na História para batalhar contra Seus adversários

(cf. Ez 31:16; Jl 2:10; ver ainda Is 14:16, onde o verbo é usado em relação ao rei de Babilônia).

O uso de וָרָעָה em Ageu indica, em primeiro lugar, que o SENHOR irá intervir diretamente de maneira cataclísmica, de modo que até os mais inamovíveis e imutáveis elementos do universos serão poderosamente afetados. A construção hebraica, com o uso enfático do pronome, destaca a iniciativa divina nesse processo. Esses dois fatores reduzem grandemente a possibilidade de que Ageu tenha usado tal linguagem como metáfora para os levantes político-militares de sua época (conforme demonstramos na parte histórica deste argumento).

Em segundo lugar, indica que a intervenção de Deus afetará dramaticamente as nações da terra, cujo poderio militar será obliterado de maneira auto-destrutiva, remanescente das intervenções divinas nas campanhas de Baraque (“os carros e seus cavaleiros”), de Gideão e Jeosafá (“cada um pela espada do outro”). Tal linguagem não é mero acidente; tenciona destacar o conceito de Yahweh, o Guerreiro, ao qual Isaías (9:4-5, aludindo a Gideão) e Joel (3:2-3, aludindo a Jeosafá), entre outros profetas, fazem referência.

Tal conquista do poder político humano por atacado não poderia, por mais que se flexibilize o uso da linguagem, ser igualada por, ou identificada com as pífias revoltas locais promovidas contra o governo de Dario. Uma coisa é dizer que as recentes circunstâncias históricas ofereceram a Ageu um referencial, ou uma ilustração; é algo completamente distinto afirmar que o profeta viu, em tais circunstâncias, o cumprimento das expectativas messiânicas de Israel. **Sua linguagem não permite tal coisa.**

Essa breve resenha do livro de Ageu, e de seu último oráculo em particular, sugerem que a profecia de Zorobabel buscava no futuro distante o seu cumprimento. A próxima divisão tratará especificamente da maneira pela qual o oráculo deve ser interpretado, especialmente com respeito à pessoa de Zorobabel.

A NATUREZA DO CUMPRIMENTO EM AGEU 2:20-23

Agora que estabelecemos, suficientemente, que esta passagem tem uma perspectiva escatológica e que a história não lhe serve como base, mas apenas como referencial, ainda é necessário determinar o papel de Zorobabel em Ageu a fim de estabelecer que tipo de cumprimento houve ou haverá para Ageu 2:20-23.

⁸Ver, por exemplo, D. L. PETERSEN. *Haggai and Zechariah 1-8*. pp. 67-68, que vê todo o oráculo em termos bastante imediatistas. De igual modo, M. SCHWANTES. *Ageu*. pp. 63-65. Mesmo uma obra pré-milenista como *Ageu e Malaquias*, de Herbert WOLF (pp. 34-35) sugere a idéia de um cumprimento histórico a curto prazo.

⁹R. P. CARROLL. *When Prophecy Failed*. pp. 159-160.

¹⁰P. A. VERHOEF. *The Books of Haggai and Malachi*. p. 141. Da mesma forma, Joyce G. BALDWIN. *Ageu, Zacarias e Malaquias: Introdução e Comentário*. SCB.

¹¹*Dicionário Bíblico Hebraico Português*. p. 628.

O PAPEL DE ZOROBABEL NO LIVRO DE AGEU

A observação final a ser feita é que Ageu não promove Zorobabel como um candidato a papéis davídicos ou messiânicos na maior parte do seu livro, que tinha como propósito encorajar o povo. Ali Zorobabel é apresentado como o governador designado de Judá, um oficial subalterno no vasto império persa; tal título jamais poderia produzir esperança ou encorajar rebelião. Assim, parece incôngruo entender o quarto oráculo de maneira que contradiga o restante do livro.

Além disso, é preciso considerar que não só Ageu, mas também Zacarias e Esdras dão grande ênfase ao papel de Zorobabel como reconstrutor do templo. Zacarias dedica todo um capítulo ao evento crucial da construção e conclusão do templo (cap. 4).

De igual modo, os livros de Crônicas atribuem a Davi um papel de grande importância no processo de construção do templo. Não é exagero dizer que na literatura histórica pós-exílica Davi é o construtor *de jure* do primeiro templo. Basta apenas observar que um total de nove capítulos são dedicados aos preparativos de Davi para a construção e o culto do templo, ao passo que apenas quatro são dedicados aos preparativos e à construção por parte de Salomão.

A conexão é que, tanto para Ageu quanto para o Cronista, a questão mais importante era a restauração de Israel como uma comunidade de adoração de acordo com os moldes e as esperanças de ambas as alianças (Mosaica e Davídica), conforme sugerido pela contínua justaposição do sacerdote e do líder civil.¹² O fato do oráculo de Zorobabel ter sido proferido no mesmo dia em que o alicerce do templo foi lançado oferece outro elo na conexão Davi-Zorobabel. Assim como Davi fora o instrumento para dar a Israel sua primeira estrutura de adoração, assim Zorobabel a restauraria para o Israel pós-exílico.

Outra observação é que Zorobabel se encaixa no contexto do livro assim como o segundo templo se encaixa com a promessa de 2:6-9. Aqueles

¹² Este autor acredita que há uma relação complementar entre Ageu 2:20-23 e Zacarias 6:9-15. Aqui, Zorobabel recebe a promessa divina; ali, Josué a recebe. Ambas as palavras de promessa são orientadas para o futuro e não deveriam ser compreendidas como tentativas políticas de restaurar a monarquia. Especulações sobre um escamoteamento em Zacarias 6, onde o nome de Josué supostamente encobriria o de Zorobabel, são uma tentativa canhestra de fazer a História (ou o seu silêncio) se encaixar em teorias pessoais (P. HAUPT, por exemplo, em "The Coronation of Zerubbabel" *JBL* 37: 218-219. Também *Cambridge Ancient History*).

que, crendo na promessa do segundo oráculo, negam qualquer perspectiva futura a Zorobabel em 2:20-23, são culpados de incoerência hermenêutica. Tal é o caso de Joyce Baldwin, que vê os recursos fornecidos pelos persas e o embelezamento realizado por Herodes como cumprimento de 2:6-9, mas transfere o cumprimento no caso de Zorobabel.¹³

Um raciocínio mais adequado é o proposto por H.W. Wolf, que vê o templo numa continuidade histórica.¹⁴ Caso o intérprete siga essa linha de raciocínio, Zorobabel não deveria ser considerado em sua pessoa, mas no espectro histórico de que era parte, ou seja, a linhagem davídica. Há várias razões pelas quais se deveria pensar assim: (1) a linguagem e o ideário deste oráculo criam uma aura de antigüidade, ao apropriar-se de material de diversas tradições israelitas (guerra santa, Êxodo, oráculos contra as nações);¹⁵ (2) a terminologia altamente davídica aqui empregada, toda ela encontrada na tradição davídica (1 Sm 16:8-10; 2 Sm 6:21; 1 Rs 8:16; 1 Cr 28:4; Sl 78:70, onde se acham todas as palavras-chave dessa parte pessoal do oráculo [cf. "tomarei" {Heb. תִּקַּחְתָּ}, "servo" {Heb. עֶבֶד}, e "escolhi" {Heb. בָּחַרְתִּי}); (3) a menção de um *amel de selar* sugere um elo real entre Zorobabel e seu já falecido avô, o rei Jeoaquim, sobre quem Jeremias pronunciara uma maldição (Jr 22:24-30), relacionando este oráculo à linhagem e esperança davídicas.

À luz dessas observações, este autor acredita que o sentido tencionado por Ageu para Zorobabel é o de restaurador da linhagem davídica em seu papel como promotor do verdadeiro culto no templo, não como herdeiro da autoridade real a ser exercida a partir de Jerusalém, no trono de Davi. Petersen e Verhoef, entre outros, optam pela explicação da ambigüidade. O primeiro argumenta com base na astúcia política de Ageu,¹⁶ ao passo que o segundo aponta a falta de elaboração no "escopo e caráter de seu governo"¹⁷.

Alguns comentaristas, presumindo que o uso de terminologia semelhante exige uma ligação direta, entendem que Ageu saudou Zorobabel como

¹³ BALDWIN. *Ageu, Zacarias e Malaquias*. pp. 38 e 42

¹⁴ WOLF, p. 43. Infelizmente Wolf não integra plenamente os dados da passagem em sua posição, uma vez que entende que a vinda da glória do templo se cumpriu da primeira vinda de Cristo, o que não pode ter acontecido, uma vez que essa parte da profecia é subsequente à subversão do universo. Isso é incoerente com sua visão de continuidade histórica.

¹⁵ PETERSEN observa corretamente: "O quadro criado é altamente conservador. O que parece à maioria dos comentaristas ser linguagem inapelavelmente geral é, na verdade, discurso altamente afetivo e efetivo", *Haggai and Zechariah 1-8* (p. 101).

¹⁶ PETERSEN. *Haggai and Zechariah 1-8*. p. 106.

¹⁷ VERHOEF. *Haggai and Malachi*. p. 146. Verhoef defende, no entanto, a idéia de um reinado.

o novo Davi, pronto para assumir funções reais¹⁸. Uma vez que a história não vindica tal ponto de vista, são forçados por suas escolhas exegéticas a dizer que um erro profético foi cometido. Bruce é representativo ao dizer: “Zorobabel é aclamado num oráculo do profeta pós-exílico Ageu como destinado a ocupar a posição de anel de selar de Yahweh que seu ancestral perdera. Zorobabel, no entanto, não demonstrou ser o segundo Davi de quem Jeremias e Ezequiel haviam falado”¹⁹.

Schwantes vai além ao afirmar: “Por outro lado, é inegável que o ápice do livreto não veio a se realizar dentro das coordenadas anunciadas por Ageu (...) Esse davídida não cumpriu o que dele se esperava ... os resultados deste conteúdo principal da profecia de Ageu foram frustrantes.”²⁰

É claro para este autor que tal posição é inaceitável, primeiramente por falhas hermenêuticas, e também em termos de sua bibliologia. Se tal fosse o sentido percebido pela audiência original, Ageu jamais chegaria a ocupar um lugar no cânon hebraico por causa da profunda consciência profética da comunidade pós-exílica. Dizer, como faz Hans Walter Wolf, que embora Ageu tenha falhado como profeta, “[sua] palavra assim mesmo gerou nova esperança de cumprimento”,²¹ é ignorar, ingenuamente, a mentalidade judaica e distorcer grosseiramente a natureza e o propósito da profecia preditiva nas Escrituras.

Dentre as três opções, este autor prefere a primeira — a de que o papel de Zorobabel no livro de Ageu era o de um representante da linhagem davídica que estava para ser restaurada à luz de seu papel como construtores do templo e organizadores do culto. Duas outras razões para tal escolha são os fatos de que (1) a palavra “fatal”, מָוֹת, jamais é usada;²² (2) Não há como aceitar que Ageu teria subvertido a maldição jeremiânica contra Conias [Jecônias] (Jr 22:24-27), participando do que P. D. Hanson chama de “controvérsia

intraprofética”,²³ em que escolas de tradição profética entram em choque em seus pontos de vista quanto à natureza da restauração de Israel. Zorobabel era descendente de Jeoaquim e isso definia a questão; o trono não era seu destino, mas tal fato não o excluía do serviço de Deus. É preciso que se lembre que a linguagem é evocativa e que Jeremias não equaciona realeza e anel de selar de maneira absoluta, preferindo o uso de uma metáfora relacionada ao valor e não uma metáfora de identificação direta (nem uma metonímia de atributo).²⁴

MODC DE CUMPRIMENTO EM AGEU 2:20-23

Nossas escolhas exegéticas até aqui nos levaram a rejeitar uma interpretação puramente histórica deste oráculo. Pelas mesmas razões um *double entendre*, com um cumprimento próximo ao tempo de Zorobabel e um cumprimento definitivo ao tempo do fim deve ser rejeitado como inapelavelmente incapaz de reconciliar os elementos escatológicos do oráculo e a história humana conhecida.

Restam-nos, assim, duas opções tradicionais para explicar como o profeta entendeu Zorobabel. A primeira delas diz que a passagem deve ser vista de modo totalmente escatológico, sem qualquer promessa futura para Zorobabel;²⁵ a segunda indica que Zorobabel terá, de fato, um papel de destaque no futuro reino messiânico.²⁶

Embora Feinberg não seja totalmente claro, parece favorecer um papel figurativo ou típico para Zorobabel; Pentecost e McClain, por outro lado, raciocinando a partir da teologia sistemática, concluem que diante do fato de que santos ressurretos terão posições de responsabilidade na futura era messiânica, não há motivo para privar Zorobabel de tal privilégio.

Este último ponto de vista levanta as questões freqüentemente relacio-

¹⁸ Assim SCHWANTES. *Ageu*. p. 65. No entanto, Schwantes usa, na mesma página, o advérbio “prefiguradamente” ao falar da “era messiânica”. Incorre, portanto, em incoerência.

¹⁹ F. F. BRUCE. *New Testament Development of Old Testament Themes*. p. 74.

²⁰ SCHWANTES. *Ageu*. p. 73.

²¹ H. W. WOLFF. *Haggai*. p. 108.

²² A despeito das alegações de ambigüidade apresentadas por Verhoef, este autor acredita que a idéia de um personagem real não estava ausente da literatura profética por volta de 520 a.C., sendo de fato encontrada explicitamente na visão de Zacarias 6:9-15. Uma coroação seria vista como tal pelos oficiais persas, não importa quem estivesse sendo coroado. Ageu evitou usar a palavra porque tinha outro ponto de vista sobre o papel de Zorobabel.

²³ P. D. HANSON. *The Dawn of Apocalyptic*. pp. 174-175. Assim pensa também SCHWANTES. *Ageu*. p. 64.

²⁴ Ao falar da rejeição de Jeoaquim, Jeremias enfatiza a rejeição do indivíduo no que tange ao ofício real, que ocupou por meros três meses. Ao falar de um “anel de selar” Jeremias está falando do símbolo de autoridade, não da autoridade em si. A figura do anel de selar pode falar ainda da autenticação, como que uma marca d’água real. Fosse esse o caso, a conexão seria favorável ao ponto de vista aqui defendido, uma vez que ligaria Zorobabel à obra de reconstrução do templo, mencionada no oráculo anterior.

²⁵ Assim entende Charles FEINBERG. *Os Profetas Menores*. pp. 250-251.

²⁶ Assim pensa J. Dwight PENTECOST. *Manual de Escatologia*. pp. 505-510. Também Alva J. MCLAIN. *The Greatness of the Kingdom*. pp. 210s.

nadas ao progresso da revelação e das implicações textuais de que o autor humano não estava cômico. Essas não podem ser tratadas aqui por questões de propósito e espaço.

Embora este autor não tenha problemas com a designação divina de funções para os justos no reino messiânico, sustenta a teimosa suspeita de que tal não era uma das categorias do pensamento do profeta Ageu. Com base no sabor tradicional da passagem, na restauração da linhagem davídica de autoridade, na ênfase cômica do contexto imediato, e numa abordagem simples (mas não simplista) à tipologia, propõe-se aqui uma abordagem tipológica a este oráculo.

Essa abordagem combina dois pontos de vista. O primeiro deles é derivado do excelente *Two Testaments: One Bible*, de David L. Baker, onde vemos que um tipo “é um evento, pessoa ou instituição bíblicos que serve como um exemplo ou padrão para outros eventos, pessoas ou instituições”²⁷. O segundo é uma contribuição de Elliott Johnson, que argumenta que um tipo precisa ser definido pelo Antigo Testamento com base em uma promessa prévia (explícita ou não), e que não precisa de identificação explícita no Novo Testamento para funcionar como tal.²⁸

Poderiam tais elementos, combinados, permitir uma interpretação tipológica de Ageu 2:23? Este autor acredita que sim. Zorobabel aparece aqui no meio de uma promessa definida, baseado numa tradição profética que encontra sua autoridade no elemento escatológico/futurístico da aliança Mosaica. Ageu dirige-se a ele em termos diretamente relacionados à aliança davídica, e o contexto de seu oráculo é relacionado à promessa prévia de uma casa que seria construída por um descendente de Davi (2 Sm 7:13).

Além de tudo isso, descobre-se um paralelo instrutivo na pessoa de outro indivíduo relacionado à casa de Davi, ou seja, Eliaquim, filho de Hilquias, que substituiu Sebna como mordomo da casa real em Isaías 22:15-25. Esse homem é colocado em posição de autoridade, recebe (outro) símbolo de autoridade real e é chamado de servo de Deus. Assim, o livro de Apocalipse toma Isaías 22:22 e o aplica diretamente à pessoa e à obra do Senhor Jesus Cristo. Seria Eliaquim um tipo? De acordo com os simples parâmetros enunciados acima a resposta é “sim”.

É necessário agora formular uma pergunta. Será a profecia um veículo adequado para a tipologia? Na opinião deste autor o exemplo de Eliaquim (e

²⁷D. L. BAKER. *Two Testaments: One Bible*. p. 266.

²⁸E. E. JOHNSON, material não-publicado, notas de aula da disciplina “Interpretação de Profecia e Tipologia”. Dallas Theological Seminary. EUA, 1988.

também o de Zorobabel) indica que é um campo válido de investigação para tal modo revelatório.

Se isso é fato, em que sentido Zorobabel tipifica Jesus, o Messias? Os traços tipológicos são bem simples. Quando os eventos cataclísmicos do Dia do SENHOR acontecerem, o Messias será o instrumento escolhido para restaurar o templo glorioso descrito em Ezequiel e que a profecia de Ageu, ainda que em escala menor, contemplava. Ele também será a evidência do governo de Yahweh sobre Seu povo, aquele que desempenhará a autoridade divina como Seu Servo, Seu Escolhido.

Para este autor a questão relevante não é o papel pessoal de Zorobabel no reino messiânico, mas se esta interpretação proposta poderia oferecer sentido e encorajamento aos judeus do século VI a.C. Na medida em que este oráculo claramente reafirmava as grandes promessas da tradição profética de Israel que lidam com a derrota e expulsão dos opressores gentílicos, na medida em que o oráculo garantia a continuidade da linhagem davídica como o meio humano pelo qual o Messias viria,²⁹ e na medida em que ligava esse renovo da humilhada casa de Davi ao Dia do SENHOR, o oráculo assim interpretado seria ao mesmo tempo compreensível e relevante para a comunidade pós-exílica.

CONCLUSÃO

Este trabalho investigou o quarto oráculo da profecia de Ageu. No campo histórico, o artigo demonstrou que o oráculo não dependeu dos eventos históricos contemporâneos quanto à sua base, seu significado, e à sua significância.

Exegeticamente, o artigo demonstrou que seu referencial cronológico é essencialmente futuro, aguardando o vindouro Dia do SENHOR para seu cumprimento.

Hermeneuticamente, propôs que o papel de Zorobabel no oráculo foi tipológico, pois ao apontar para ele Ageu apontava para o Restaurador definitivo do verdadeiro culto de Israel, o Senhor Jesus Cristo.

²⁹É bem provável que os contemporâneos de Ageu não tivessem qualquer indício de como a maldição contra Jeoaquim seria removida. Isso não os impediria, no entanto, de crer na promessa que tinha uma garantia viva andando entre eles, seu governador, Zorobabel. Creemos que essa remoção estava ligada ao nascimento virginal de Jesus Cristo, cujo pai legal lhe conferiu os direitos legais ao trono, mas não a natureza física da linhagem davídica no ramo descendente de Jeoaquim, amaldiçoado por Jeremias.

A interação deste artigo, com a literatura existente em português (bem maior que uma década atrás), particularmente com o breve mas provocativo comentário de Milton Schwantes³⁰ deve levar o leitor a investigar mais a fundo esse pequeno grande livro de Ageu. Com essa expectativa este artigo foi escrito e publicado.

A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA BÍBLICA

Luiz Alberto Teixeira Sayão *

Quando se ouve falar de *Teologia Bíblica* nem sempre fica claro a que exatamente a expressão se refere. Alguns entendem que a expressão diz respeito à teologia de acordo com a Bíblia, em oposição a uma teologia herética. Outros imaginam que a referência é a uma teologia que está baseada nas Escrituras. Nenhuma dessas sugestões é correta. A Teologia Bíblica define-se a partir de sua distinção em relação à Teologia Sistemática e à História das Religiões. A proposta fundamental da Teologia Bíblica é construir uma teologia a partir das Escrituras, indutivamente, sem depender de categorias definidas pela Sistemática ou pela Dogmática. Para uma descrição objetiva dessa distinção vejamos o seguinte quadro:

ABORDAGEM	Fonte dos Dados	Metodologia	Hermenêutica
Teologia Bíblica	Cânon	Exegética e Teológica Organização: Conceitual, Tópica e Histórica.	Descritiva e Normativa
Teologia Sistemática	Escrituras, Tradição Histórica, Razão e Experiência Humana.	Teológica e Filosófica. Organização sistemática e lógica.	Normativa e Construtiva
História da Religião	Escrituras, documentos de outras religiões, literatura e arqueologia.	Fenomenológica e Histórica: Organização: Cronológica e Genética.	Descritiva

³⁰ A ênfase libertária e o tema constante da luta de classes na obra de Schwantes devem ser avaliados por leitores de posição mais conservadora, pois podem apontar para um aspecto normalmente negligenciado por estes na análise das violações da aliança nos profetas pós-exílicos (e, de resto, em todo o Antigo Testamento). Por outro lado, atribuir apenas a problemas materiais a pobreza e privação das classes camponesas em Judá (como implica a obra de Schwantes) é ignorar a dimensão vertical da aliança.

* Luiz Alberto Teixeira Sayão, Mestre em Linguística (Hebraico) pela USP, é professor de Hebraico e de Antigo Testamento no Seminário Teológico Servo de Cristo, em São Paulo (SP). Foi coordenador da Nova Versão Internacional da Bíblia (NVI) e é atualmente editor acadêmico de Edições Vida Nova.